

Esperançar na luta: do ninho zen-budista às influências da contracultura, a educadora, artista, roqueira e psicodélica Michèle Sato

Hope in the struggle: from the Zen Buddhist nest to the influences of counterculture, educator, artist, rocker and psychedelic Michèle Sato

Esperanza en la lucha: del nido budista zen a las influencias de la contracultura, por la educadora, artista, rockera y psicodélica Michèle Sato

Rafael Nogueira Costa¹
Rosiane de Oliveira da Fonseca Santos²
Deborah Luiza Moreira Santana Santos³

Resumo

Durante a pandemia de Covid-19, buscamos caminhos para sustentar a vida. A arte, livros e músicas ganharam novos significados. A ausência do coletivo foi preenchida com possibilidades de encontros virtuais. O convite: Professora, gostaríamos de realizar uma entrevista com a senhora para compreender sua trajetória e contribuições no campo da Educação Ambiental. No momento do convite, Michèle Sato, Bióloga e Doutora em Ciências, Professora na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), seguia na linha de frente da Educação Ambiental brasileira e tinha como solo fértil o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação Educação (PPGE/UFMT). Coordenadora da Rede Internacional de Pesquisas em Educação Ambiental e Justiça Climática (REAJA) e criadora do Observatório da Educação Ambiental. Dotada de experiências, Sato levava consigo uma carga de conhecimento extraordinária. Na entrevista, compartilhou um pouco de sua vida acadêmica e militante, conciliando suas vivências, opiniões e frustrações, sobre as mudanças na Educação Ambiental naquele nefasto ano de 2019. Este artigo é uma homenagem ao seu legado inspirador, mantendo viva a voz e luta da educadora e artista Michèle Sato (*in memoriam*), pela Educação Ambiental. Também, é um convite para seguirmos os caminhos abertos por ela, rumo à docência para além da sala de aula e à militância pela construção de um mundo mais justo. O fazer ciência com o corpo todo, permeado de emoção, afeto, sentimento, era um ato de sensibilidade e rebeldia. Um impulso de lutar pela transformação social, sonhar e cuidar do mundo coletivamente.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Políticas Públicas. Meio Ambiente. Michèle Sato.

Abstract

During the COVID-19 pandemic, we sought ways to sustain life. Art, books, and music took on new meanings. The absence of collective gatherings was filled with the possibilities of virtual meetings. The invitation: Professor, we would like to interview you to understand your journey and contributions in the field of Environmental Education. At the time of the invitation, Michèle Sato, a Biologist and Doctor of Science, Professor at the Federal University of Mato Grosso (UFMT), was at the forefront of Brazilian Environmental Education, with the fertile ground of the Research Group on Environmental Education, Communication, and Art (GPEA), linked to the Graduate Program in Education (PPGE/UFMT). She was the Coordinator of the International Network of Research on Environmental Education and Climate Justice (REAJA) and the creator of the Environmental Education Observatory. Endowed with a wealth of experience, Sato carried an extraordinary load of knowledge. In this interview, she shared a glimpse of her academic and activist life, balancing her

¹ Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade. Imagina Lab: Laboratório de Pesquisa em Educação, Imagem e Natureza. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2790-5742>. E-mail: rafaelncosta@ufrj.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade. Imagina Lab: Laboratório de Pesquisa em Educação, Imagem e Natureza. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2076-8709>. E-mail: rosiane.o.fonseca@gmail.com

³ Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). GPEA – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6299-670X>. E-mail: demoreiranx@gmail.com

experiences, opinions, and frustrations regarding the changes in Environmental Education during that disastrous year of 2019. This article is a tribute to her inspiring legacy, keeping alive the voice and fight of the educator and artist Michèle Sato (in memoriam) for Environmental Education. It is also an invitation to follow the paths she opened, moving toward teaching beyond the classroom and militancy for building a more just world. Doing science with the whole body, permeated with emotion, affection, and feeling, was an act of sensitivity and rebellion. It was an impulse to fight for social transformation, dream, and care for the world collectively.

Keywords: Environmental Education; Public Policies. Environment. Michèle Sato.

Resumen

Durante la pandemia de COVID-19, buscamos caminos para sustentar la vida. El arte, los libros y la música adquirieron nuevos significados. La ausencia del colectivo fue llenada con posibilidades de encuentros virtuales. La invitación: Profesora, nos gustaría realizar una entrevista con usted para comprender su trayectoria y contribuciones en el campo de la Educación Ambiental. En el momento de la invitación, Michèle Sato, Bióloga y Doctora en Ciencias, Profesora en la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT), estaba a la vanguardia de la Educación Ambiental brasileña, con el terreno fértil del Grupo de Investigación en Educación Ambiental, Comunicación y Arte (GPEA), vinculado al Programa de Posgrado en Educación (PPGE/UFMT). Coordinadora de la Red Internacional de Investigaciones en Educación Ambiental y Justicia Climática (REAJA) y creadora del Observatorio de Educación Ambiental. Dotada de una amplia experiencia, Sato llevaba consigo una extraordinaria carga de conocimiento. En esta entrevista, compartió un poco de su vida académica y militante, conciliando sus vivencias, opiniones y frustraciones sobre los cambios en la Educación Ambiental durante ese nefasto año de 2019. Este artículo es un homenaje a su inspirador legado, manteniendo viva la voz y la lucha de la educadora y artista Michèle Sato (in memoriam) por la Educación Ambiental. También, es una invitación a seguir los caminos que ella abrió, hacia una docencia más allá del aula y una militancia por la construcción de un mundo más justo. Hacer ciencia con todo el cuerpo, impregnada de emoción, afecto y sentimiento, era un acto de sensibilidad y rebeldía. Un impulso para luchar por la transformación social, soñar y cuidar del mundo colectivamente.

Palabras clave: Educación Ambiental; Políticas Públicas. Ambiente. Michèle Sato.

Figura 1 – Caraca-Terra, Desenho a lápis feito por Michèle Sato, março de 2009.



Fonte: Acervo do GPEA (2024).

Nas notas musicais
voa o sonho
construindo haikais

Planeta Terra
Potência danificada por impactos
movendo-se entre flores

desenvolvimento
des-envolvimento
dê envolvimento

Com-sumir a Terra
consumo
sumir seu sumo

Planeta Azul
Ame-o intensamente
no hemisfério sul
(Michèle Sato)

1 Águas que despertam: a proposta inicial

Figura 2 –Turtle, aquarela feita por Michèle Sato, janeiro de 2023.



Fonte: Acervo do GPEA (2024)

Este artigo apresenta o fragmento de um diálogo entre a professora apaixonadamente pesquisadora em: Michèle Sato, estudantes e o docente Rafael Nogueira Costa, do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Michèle Sato foi uma excelente educadora e pesquisadora, pós-doutora em Educação Ambiental, bolsista produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), reconhecida pela capacidade de unir Arte, Ciência e Educação Ambiental, e pela habilidade em dialogar com academia e, ao mesmo tempo, com os movimentos sociais.

Teve sua trajetória marcada pela ética biocêntrica, referência internacional pela alta produtividade acadêmica e pelo comprometimento com a construção de um mundo mais justo, aliava a arte a tudo que fazia, para ela era “inútil insistir somente nas ciências” (Sato, 2013. Entrevista publicada pela *Revista do Instituto Humanitas Unissinos*⁴).

Este artigo compila uma entrevista inédita, que ocorreu no dia 8 de abril de 2021, às 18h, um ano antes de sua morte. Todo diálogo foi realizado por videoconferência, gravado e posteriormente transcrito. Elaboramos a entrevista com base em oito perguntas, com inspiração na metodologia criada por Sato (2011), estruturadas didaticamente em subitens representados pelos elementos da natureza. Com as questões, buscamos compreender a trajetória da professora e pesquisadora no campo da Educação Ambiental, especialmente em um momento de renovada esperança na ciência, na vida coletiva e, ao mesmo tempo, de sérias complicações políticas no cenário nacional.

No dia da entrevista, estávamos felizes de estar vivenciando aquele momento, especialmente por proporcionar ao grupo de estudantes da universidade a oportunidade do diálogo com Michèle, que segundo suas próprias palavras, publicadas em outra entrevista, era uma pessoa habitada pela “dualidade da disciplina e da transgressão; da poética e da irônica; da mediadora e da provocadora”⁵ (Revista EA, 2005). Atentamente, escutamos a professora em busca de forças para caminhar, arte para respirar e flores para nos alimentar. A conversa ampliou a nossa capacidade para imaginarmos novos mundos (Costa *et al.*, 2021) e possibilitou a criação de novos contornos para a *Cartografia do Imaginário* (Costa, 2023; Willms *et al.*, 2024). Esperamos que este material possa somar aos fragmentos da história que a nossa árvore, Michèle, deixou pelos biomas que passou⁶. Guardamos as sementes da sua narrativa em uma *caixa*, bem protegida, como uma caixinha de ipê-amarelo. Após um tempo de recolhimento, em que nos valem do que metaforicamente Michèle Sato chamava de “direito da janela”, deixamos a casa para exercer o “dever de árvore” e ir ser no mundo (Sato, 2011, p. 549). A entrevista é mais uma contribuição para povoarmos as mentes com o seu legado e proporcionar novas criações coletivas (Willms *et al.*, 2024).

Com a chegada da primavera e das chuvas que vêm carregadas de transformação, surge a sensação de que devemos, delicadamente, colocar as sementes dessa narrativa em contato com a terra preta, para que possam germinar e florescer nos corações dos(as) jovens educadores(as) ambientais e cientistas do Brasil e do mundo.

Boa leitura e boa sementeira!

⁴Revista do Instituto Humanitas Unissinos. Envolver em vez de se “des-envolver”. 2013. Acesse a entrevista: <https://www.ihuonline.unissinos.br/artigo/5288-michele-sato>.

⁵Revista de Educação Ambiental em Ação. Entrevist@ com Michèle Sato sobre Educação Ambiental. 2005. Acesse a entrevista: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=339>.

⁶Michèle Sato residiu por mais de 28 anos em Mato Grosso, onde se dedicou à Educação Ambiental política, discutindo a relação humano-Natureza. No estado trabalhou com diversos grupos sociais nos biomas Cerrado, Pantanal e Floresta Amazônica. Após sua morte, em 16 de maio de 2022, parte de suas cinzas foram lançadas no Cerrado, no Pantanal e na Universidade Federal de Mato Grosso, nestes mesmos locais foram plantados um exemplar de sua árvore preferida: ipê-amarelo (*Tabebuia ochracea*).

2 Caminhos abertos: justiça socioambiental, saberes plurais e resistências

Michèle Sato foi uma pesquisadora transdisciplinar e, nos últimos dez anos, os seus trabalhos se concentraram nas interseções entre: i) Justiça Climática, Migração e Vulnerabilidades (incluindo estudo de redes interinstitucionais para promoção da resiliência); ii) Educomunicação e Educação Ambiental e iii) Decolonialidade e Territórios Quilombolas.

Nessas interseções, Michèle investigou como grupos marginalizados (pessoas com deficiência visual, quilombolas e migrantes) são afetados por desastres e mudanças climáticas (Gomes; Marçó; Sato, 2022; Santos *et al.*, 2022). Ainda nessa relação entre mudanças climáticas e as injustiças, buscou compreender os desafios políticos e éticos enfrentados por migrantes climáticos (Santos *et al.*, 2022; Nardi; Sato, 2021).

No campo da educomunicação, contribuiu trazendo as suas experiências no debate da Educação Ambiental, especialmente com o uso de narrativas artísticas, fotopoéticas e práticas educacionais em diálogo com comunidades tradicionais, com o objetivo de fortalecimento frente às questões climáticas (Luiz; Sato, 2022; Sato; Sanchez; Santos, 2022). Nesse sentido, Michèle pensava os territórios como espaços educativos e de luta (Sato *et al.*, 2021; Soares; Silva; Sato, 2021).

Em relação às abordagens metodológicas, a pesquisadora priorizava pesquisas qualitativas, por meios etnográficos, estudos de caso e análise de narrativas, além do uso de fotografia, poesia e arte como métodos de pesquisa e mobilização social. Sua obra é marcada pelo ativismo acadêmico, unindo rigor teórico e engajamento com movimentos sociais.

A produção acadêmica de Michèle Sato, através de metodologias de abordagens interdisciplinares, pesquisas participativas em comunidades e análises de políticas públicas ambientais, incorpora vozes que, por muito tempo, foram negligenciadas, tecendo críticas e demonstrando como as estruturas de poder colaboram na manutenção das injustiças ambientais.

Seus estudos dialogam com obras de Boaventura de Sousa Santos, Joan Martinez-Alier e Vandana Shiva, e outros. A autora evidencia que a atual crise ecológica vem sendo construída, historicamente, nas desigualdades que atravessam o colonialismo, racismo ambiental e o patriarcado, sinalizando a importância das organizações comunitárias nas lutas e resistências (Manfrinate *et al.*, 2019).

É exemplificado no artigo *Amazônia em Chamas: Ecologia Política do Extrativismo*, como a exploração moderna repete lógicas da exploração colonial, enquanto o Capitalismo Verde, com sua mercantilização da natureza, tenta mascarar essas violências com discursos retóricos de sustentabilidade, que, na verdade, reproduzem injustiças ao transformar os recursos naturais, nossos bens comuns, como a água e a biodiversidade em *commodities*. Dessa forma, a lógica fundamental do capitalismo permanece (Sato, 2018, 2020).

Estudos sobre a Amazônia denunciam como projetos de Redução de Emissões provenientes de Desmatamento e Degradação Florestal (REDD+) e créditos de carbono, desconsideram e violam os direitos territoriais dos povos indígenas e das comunidades quilombolas (Alkmin, 2023; Ramos; Hazeu, 2025). Para a autora, a efetivação da justiça ambiental pressupõe a reestruturação das relações de poder, ultrapassando a lógica das compensações financeiras, sendo, assim, soluções falaciosas. A autora destaca que há uma distribuição desigual dos danos ambientais, demonstra que em comunidades vulneráveis, os impactos das alterações climáticas, insegurança com recursos naturais e surtos de doenças são maiores (Sato, 2020).

Sato, ao relacionar o Feminismo e o Ambientalismo, abordando as opressões de gênero, raça e classe à crise ecológica, destaca o protagonismo de lideranças femininas em movimentos ambientais, destacando que as mulheres indígenas e quilombolas são, ao mesmo tempo, as mais atingidas pela degradação ambiental e as principais agentes de resistência.

Percebemos, assim, que as mudanças climáticas exacerbam as vulnerabilidades e desigualdades de gênero e raça em nossa sociedade. Sato sinaliza que a pandemia de Covid-19 foi catalisadora de crises já existentes, e reforça a urgência de projetos para justiça ambiental (Sato, 2022).

A obra de Michèle Sato destaca-se por sua abordagem interdisciplinar, rigor acadêmico, emoção e arte. Evidencia-se, em suas obras, a defesa da agrobiodiversidade contra o agronegócio, além da ênfase no fato de a conservação ambiental depender do reconhecimento dos saberes tradicionais e das populações periféricas (Sato, 2020).

Suas reflexões, na última década, nos impulsionam a repensar a crise ecológica na atualidade a partir de perspectivas interseccionais, destacando a resistência de povos tradicionais, movimentos sociais e mulheres, vozes tradicionalmente marginalizadas.

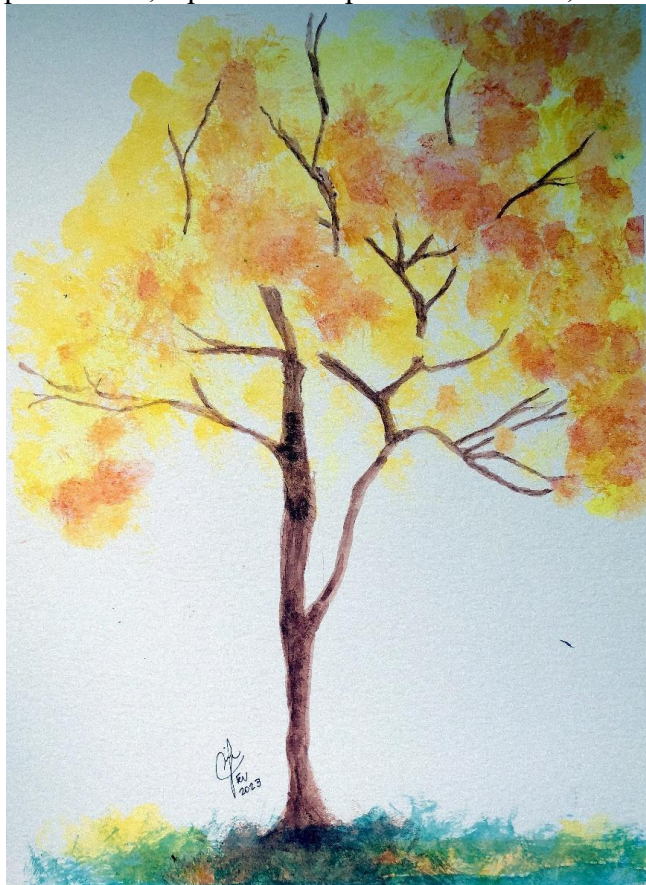
Para Sato, a Educação Ambiental crítica, permeada de abordagens pedagógicas que integram conhecimentos tradicionais e científicos em diálogo, é um processo educativo contra hegemônico, integrando conhecimentos populares e científicos para transformação socioambiental.

Seu legado de abordagens inquietas, esperançosas e sensíveis oferece ricas trilhas teóricas e práticas, que contribuem para que desafie os paradigmas hegemônicos do Capitalismo Verde em busca de uma interconexão entre a natureza e a sociedade, em prol da justiça socioambiental.

3 Terra labiríntica: o desejo da descoberta

Nesta seção do artigo, transcrevemos as perguntas e respostas da entrevista.

Figura 3 – Ipê-amarelo, aquarela feita por Michèle Sato, fevereiro de 2023.



Fonte: Acervo do GPEA (2024).

Pergunta: quando você se descobriu Educadora Ambiental?

Michèle Sato: desde quando eu me descobri Educadora Ambiental? Este nome *Educação Ambiental* veio tardio na minha vida. Eu fui educada por dois japoneses, minha mãe e meu pai. Minha mãe era xintoísta, e o meu pai budista, ambas as religiões muito próximas da natureza. Uma ateísta e outra politeísta, mas chamam de zen-budismo. E foi neste tratamento de valorizar a natureza, que meu pai acreditava em transmigração da alma. Eles acreditavam que nós voltamos como: macaco, gato, e outros animais. Os bichos tomam uma importância muito grande no mundo budista, e esses ensinamentos todos vieram dos meus pais. Acho que a primeira língua que falei foi japonês, porque eu falava muito japonês com meu pai e minha mãe. Sou caçula de oito irmãos, então o português também foi a minha primeira língua, sempre fiquei nessa coisa misturada.

Pergunta: conte um pouco sobre a sua formação e as suas experiências profissionais (não precisa estar relacionada com o campo da Educação Ambiental)?

Michèle Sato: eu era professora da Educação Básica de São Paulo, e tinha um grupo de jovens que gostava da natureza como eu, talvez incentivado por mim. A gente fazia atividades que hoje eu chamo de Educação Ambiental, na época não tinha esse nome, na nossa cabeça era mais uma luta de ecologistas.

Na minha experiência na Educação Básica em São Paulo, tem várias coisas bacanas como professora. Tem, tanto aqueles cursos de verão que se faz na Universidade de São Paulo (USP) gratuitamente, como vários lugares para levar os alunos. Vários Centros de Educação Ambiental, que, na época, não tinham esse nome e envolviam muito os alunos. Eu os levava para cima e para baixo.

Fiz uma excursão, que essa foi de matar, na década de 80, tinha o tal do cometa Halley que ia passar na Terra, e era visível. Acredite se quiser, eu e um professor de Física, que tinha condições de pegar vários telescópios emprestados, e uma professora de Literatura. Éramos nós três. Saímos da escola às 22h, cinco ônibus cheio de adolescentes, o diretor ficou um bom tempo sem falar comigo, “como que você pega um monte de adolescente e leva para o mato?!” Mas era melhor, pois era escuro, mais propício para ver estrelas, cometas. Aí, incentivava os alunos a levarem esteiras para deitar e olhar o céu. Acho que por isso sempre fui muito popular com os alunos também. Então, foi esse encantamento com a natureza e encontro com vários colegas da Educação Básica que tinham ideários como eu, que queriam mudar o mundo, transformar, fazer as coisas mais doidas, como excursões que saíam às 22h da escola [risos].

Tinha coisas muito tristes, dei aula em periferias de São Paulo, vivi muito a violência, tive muitos amigos adolescentes, estudantes que eram marginais, eu me dava muito bem com eles, me levavam no ponto de ônibus, ninguém mexia comigo, às vezes entravam e diziam: “Oh! Mexeu com essa professora, mexeu com a gente...”. Eu estava protegida, saía às 22h30m e estava protegida com as gangues [risos]. Então, essa noção de rebeldia, ela vem meio que nato, construído nessas experiências, nessa vivência.

Aí, logo eu me casei com o meu namorado e fomos para Inglaterra, ele havia ganhado uma bolsa para fazer o doutorado lá. Eu fui como esposa, dona de casa, achava que sabia um pouco de inglês. Quando cheguei, vi que não sabia nada, mas foi bom também, porque ao aprender o idioma local, a gente fica com sotaque melhor, com menos erros. Eu fiquei valente porque consegui bolsa de estudos na melhor escola de inglês do mundo.

Fiquei seis meses com direito a bolsa e a maioria das pessoas conseguiam um mês de bolsa, mergulhados, aprendendo o dia inteiro. Eu consegui o segundo mês. Todo mundo já começou a olhar torto, depois consegui o terceiro mês e no quarto mês, fui convidada para fazer o que chamavam de *Academic Course*, que não é para estrangeiro, mas também só para inglês que está sem estudar há muito tempo, e está querendo retornar para a academia.

Aquelas coisas supertecnicistas que inglês gosta: como escrever, como falar em público, como se apresentar... Fiz curso de Leitura Dinâmica, pode não acreditar, mas isso existe na Inglaterra. Eu consigo fazer a leitura transversal de um texto rapidamente, ruim é que depois você não consegue fazer a leitura da Literatura porque sem querer, acaba fazendo a leitura transversal, aí eu fiquei muito valente porque eu fiz o TOEFL (teste de proficiência em inglês) passei e daí pedi bolsa de lá.

Consegui a bolsa, quando fiz mestrado na Escola de Ciências Ambientais, o meu grupo era de Filosofia, aí eu fiquei perdida, porque se já era ruim estudar Filosofia em português para uma Bióloga, imagina em inglês. Li bastante, sofri muito, mais no mestrado do que no doutorado. Em todos os sentidos, inabilidade de fazer pesquisa, falta de experiência. Na minha época não existia internet como hoje, tinha uma tecnologia rudimentar, chamado *BrasNET*, que você se comunicava de vez em nunca, e já era revolucionário. Essas são as vantagens de você estudar em um país rico, saía um artigo ontem, você pedia, amanhã já estava disponível, o acesso à literatura era muito rápido para mim, naquela ocasião, costume dizer que meu orientador era o bibliotecário porque ele que me ajudava, ele me ajudou muito.

Fiz mestrado lá, trabalhei com livro didático, por opção pessoal, porque nasceu meu primeiro filho, então tudo era difícil. Estudar Filosofia em inglês, ter filho na Inglaterra, queria ficar mais com o bebê. Trabalhei quase tudo do livro didático, não só linguagem textual, mas a linguagem imagética, mais os livros brasileiros, que consegui com ajuda de muita gente de universidades, sou muito grata. Analisei quatrocentos livros e não sabia o que fazer com tanta informação. Um amigo inventou uma estatística para mim e me ajudou, e simultaneamente eu entrevistei professores da Inglaterra e do Brasil também, então fiz uma mistura.

Terminando o mestrado, voltamos ao Brasil, [pois] meu marido tinha conseguido uma bolsa em São Carlos, na Química, lá um amigo dele, me falou para fazer doutorado com Zé Eduardo (Prof. José Eduardo do Santos), ele gostava da Ecologia. Já tinha passado os prazos e tudo, e só no outro ano que eu ia começar a fazer. E na época recebi um convite da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), mas eu não dei bola, queria ficar perto da família, dos amigos. Ao insistirem, resolvemos passar uma semana para conhecer a cidade e a UFMT, fomos e gostei. E estou aqui até hoje, no ensino superior, trabalho muito, muito mesmo, gostaria de trabalhar menos, uma demanda exigente e eu também, acho que aí vem um pouco da minha personalidade. Sou muito disciplinada no que me proponho fazer, gasto muito tempo fazendo as coisas direito, se puder botar estética ponho, aí leva mais tempo.

Aqui eu cresci, gosto muito de Cuiabá, da UFMT, ela me oportunizou, me deu asas. Encontrei muita gente que me deu muita força, por outro lado foi muito desafiador, por diversos motivos, inclusive por ser a única bióloga no meu departamento e por ter vindo de fora. Mas o tempo vai ajudando e no fim foi bacana para mim.

3.1 Fogo onírico: a escolha dos caminhos

Figura 4 –Árvore-sol, aquarela feita por Michèle Sato, janeiro de 2023.



Fonte: Acervo do GPEA (2024).

Pergunta: como foi construída a sua relação com a arte, surrealismo e ambiente?

Michèle Sato: o ambiente, essa natureza que sempre gostei, muito em função dos meus pais, zen-budistas, e por muita influência da contracultura na minha vida, acho que isso me tornou, *roqueira, psicodélica*, e dentro dessa contracultura, o *surrealismo* é muito forte. Aí meu encontro entre todos esses entremundos: arte, surrealismo, rock, subversão, revolução, resistência, autorização da nossa capacidade de sonhar. Você está autorizado a sonhar, por mais absurdo que seja seu sonho. É possível que o marxista radical não goste daquilo que estamos falando, ele é muito coletivo e eu preservo muito o indivíduo também, pois para mim, ambas as coisas são importantes, para ser coletivo eu preciso ser eu. Como meu pai dizia, você só consegue cuidar dos outros, se você se cuidar antes. Isso é primordial, você tem que se cuidar para cuidar do outro. Você doente não consegue cuidar de nada, você não muda o mundo doente.

Esse discurso do *eu*, encontrei na fenomenologia de Merleau-Ponty e Gaston Bachelard. Essa tríade do *Eu, o outro e o mundo...* Eu estou num coletivo e ambos situados no mundo, então o sonho é possível.

As percepções, tudo que vemos no mundo formamos uma imagem na cabeça e essa imagética é muito bem trabalhada por Gaston Bachelard, que era surrealista. Isto permite construir ciência com emoção, afeto, sentimento. Somos autorizados a ter sonhos, **imaginar** o que a gente quer, não ter um certo e errado, mas várias verdades, várias concepções.

Então, o surrealismo é uma tendência que encontra esses entremundos. E o Gaston Bachelard também, quando fala em sonhos oníricos, você tem a liberdade de sonhar, mas também tem o dever de lutar coletivamente. Um outro surrealista que gosto muito é Hundertwasser, artista austríaco, mais conhecido na arquitetura, é também pintor, poeta,

ambientalista, ecologista. Ele dizia que nós temos direito à janela, de ficar na sua casa vendo a vida passar. É a possibilidade de passar um tempo na sua casinha. Ficar no que Heidegger chamava de solipsismo existencial, na sua solidão curtida na sua existência. Mas, que temos a obrigação de sair da casinha e plantar uma árvore. Um dever coletivo de cuidar do mundo e do outro. Então esse direito da janela e o dever da árvore, é o meu encontro com a filosofia surrealista e ambientalista que é o que eu fiz, em uma metodologia que se chama *Cartografia do Imaginário*⁷. E para minha surpresa meus orientandos gostaram e passaram a usar em seus trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. No GPEA haviam 14 pessoas que trabalhavam com essa metodologia.

O Mauro Guimarães, quando fez o pós-doutorado comigo, usou essa metodologia. A Fátima Marcomin orientou uma estudante e está orientando outra pessoa com essa metodologia também.

Surrealismo é isso, é a possibilidade de você se aliar a arte para fazer a revolução do mundo, isso que o André Breton dizia, quando ele escreveu o Manifesto Surrealista (1924), que a revolução do mundo é necessária e pela arte é possível você fazer essa revolução. E sonhar... O Breton era psicólogo e permitia que os sonhos freudianos viessem à tona nesses nossos sonhos e desejos, mas convidava para que juntos fizéssemos essa revolução. Então, acho que é nisso que eu me encontro.

Pergunta: qual é a importância do imaginário para o campo da Educação Ambiental?

Michèle Sato: a construção do Surrealismo é do imaginário, é um campo muito tênue, que não consegue se segregar. Você imaginar uma coisa não é necessariamente a imagem de uma fotografia ou de uma paisagem, mas sim uma imagem sua, que você traçou. Nós temos na memória, como diz Bachelard, fatos dos nossos próprios desejos, que nunca aconteceram, mas se repetem como se tivessem acontecido. A gente inventa diálogos e a gente se lembra deles como se tivessem acontecido. É essa imagem que, às vezes, nos impulsiona.

O ambientalista é um bicho engraçado, um psicólogo deveria nos estudar, pois a gente só perde, só perde, e não desiste [suspiro], [emocionada]. Estamos na luta com todas as desavenças. Então, isso depende muito da nossa emoção, desse nosso valor, onde a gente encontra força, fôlego. Também possibilita você existir como você é, como você quer interpretar, escolher seu partido político, a sua religião, as suas cores favoritas. Mas o respeito ao outro, o cuidar do outro. Nem sempre o outro é humano, às vezes é bicho, mineral, planta, água.

Para mim, foi muito fácil trabalhar com indígena, por exemplo, quando falam da mitologia deles, o Bororo veio do animal veado, então é supersagrado. Tem ritual da morte com a pele da onça, para ele ir para outro mundo. É muito comum nas narrativas esse perspectivismo do Lévi-Strauss, quando agrega esse casamento entre bicho e ser humano, terra e ser humano e nascem filhos dessa relação.

Me lembro, em uma oficina que fizemos com dezessete etnias indígenas, muitos dos meus orientandos não entendiam muito esses seres sagrados que não eram nem gente, nem bicho, mas para o surrealista era tão fácil entender a imaginação das pessoas, os valores que

⁷A abordagem metodológica *Cartografia do Imaginário* proposta por Michèle Sato, influenciada no surrealismo e pela fenomenologia de Gaston Bachelard e outros autores, propõe o uso da arte, filosofia, ecologia e educação para compreender a construção de subjetividades e as relações com o meio ambiente. Pensa a Educação Ambiental pela subjetividade e sensibilidade, onde ciência e arte são pensadas juntas, criticando a segregação de ambas tradicionalmente que levaria a desigualdade e exclusão, uma visão de ser humano desvinculado da natureza. Abre-se a perspectiva de sonhos, em ruptura ao mundo tradicionalmente imposto, sendo uma nova forma ver-sentir o mundo. A autora utiliza a metáfora dos 4 elementos (Água, Terra, Fogo e Ar) para representar estados e emoções humanas fundamentais. Para aprofundar: Sato (2011) e Palma (2011).

as pessoas têm, e nesse sagrado conseguir entender esse mundo profano sagrado, como [é] que [ele] nasce.

Então, eu nunca encontrei um indígena ateu na minha vida inteira, e olha que já fui até fora do Brasil conhecer indígenas. Eles acreditam em um ou em vários deuses. É forte essa ligação com o sagrado, acho que isso mistura muito. Eu não sou uma pessoa religiosa, no entanto, sou surrealista. Então, dentro dessa perspectiva eu acato as mitologias. O cristianismo é uma mitologia para mim, assim como o budismo, é uma história fantástica, não é absurda.

É o que os povos não sabem falar com a definição científica que temos hoje, mas era a forma de explicar os fenômenos do mundo. Uma forma de esclarecer os comportamentos humanos perante determinadas situações. Os mitos de Édipo, de Pandora, todas essas narrativas vêm na tentativa de conhecer o mundo e tentar esclarecer o que é esse mundo. Não são mentiras, são histórias, narrativas.

Por exemplo, quando eu vim pra Cuiabá, eu achava um absurdo que tinha gente que acreditava em lobisomem. Fui ao Quilombo de Mata Cavalo⁸, conheci a Dona Estivina que faz o melhor biscoito de polvilho do mundo, e falei: me conta a história do lobisomem para mim.

E ela dizia que era fácil *desvirar* o lobisomem. Era só dar uma paulada na cabeça dele e eu sei que é fulano, porque no dia seguinte o fulano aparece com o galo na cabeça. Ela disse que, às vezes, ela o deixa pegar a galinha. Outras vezes, ela não deixa. E o que eu compreendi, traduzindo o que Dona Estivina dizia, é que isso é um pacto comunitário de convivência. O vizinho está desempregado sem ter o que comer, e o vizinho por ética, não pode roubar a galinha. Então ele vira o lobisomem. Por sua vez, a Dona Estivina, não quer dar a galinha. Mas ela sabe que o vizinho está com fome. Então, ela o deixa roubar e faz de conta que não é ele quem está roubando, e sim o lobisomem. Mas, às vezes, ela precisa da galinha, então ela bate no vizinho, não deixa e *desvira* o lobisomem. Então, é um pacto comunitário de convivência.

É assim que as comunidades pobres enfrentam o dia a dia. Sobre esse pacto que nunca foi expresso entre eles. No meu olhar de pesquisadora, para mim, muitos perguntam se eu acredito em lobisomem e eu digo que sim. Eu acredito nas pessoas, as pessoas acreditam, acredito no que elas estão falando. Então, esse mundo mitológico é muito surrealista.

A série Cidade Invisível (Criação: Carlos Saldanha. Produção: Beto Gauss, Francesco Civita. São Paulo: Netflix, 2021), é maravilhosa, pois tira a mitologia brasileira da literatura infantojuvenil e traz como uma história, uma narrativa que exige nosso respeito, que é um conhecimento tradicional.

⁸A comunidade quilombola de Mata Cavalo está localizada a cerca de 50 km de Cuiabá, no município de Nossa Senhora do Livramento (MT).

3.2 Ar essencial: da criação do mundo às espirais possíveis

Figura 5 – Bird-blue, aquarela feita por Michèle Sato, janeiro de 2023.



Fonte: Acervo do GPEA (2024).

Pergunta: como podemos definir o campo da Educação Ambiental no Brasil e no Mundo?

Michèle Sato: no mundo ela é mais tecnicista extremamente *resolucionista*⁹. As pessoas achavam que a Educação Ambiental resolvia problemas, o que é um positivismo enorme, porque nenhuma área do saber é responsável por resolver problemas. Então, esse tecnicismo, essa vontade de resolver, justificar, isso é muita herança das ciências modernas. O mundo é basicamente essa Educação Ambiental mais *resolucionista*, mais técnica, muito de tecnologia limpa.

Em 2014, quando eu fiz meu pós-doutorado, com as marisqueiras lá da Galícia, elas sabiam do clima, da mudança, do colapso, do que ia acontecer na água, que ia faltar peixe, que ia faltar marisco para elas. Mas elas são tremendamente otimistas tecnológicas. Achem que nós vamos dar conta de inventar alguma tecnologia para barrar o colapso. Os filmes futuristas mais otimistas, como *Geotempestade* ou *Tempestade: Planeta em Fúria* (Direção: Dean Devlin, EUA: Warner Bros, 2017), eles fazem satélites em torno da terra, e vão soltando pílulas, e controlam o colapso climático com altíssima tecnologia. Quem tem acesso a essa tecnologia? Então, essa é a Educação Ambiental mais presente nos países mais ricos. Tenho a impressão de que o legado colonialista no continente africano também é muito forte, mais que aqui para nós, nós nos descolonizamos um pouco mais. Na América Latina, ela tem uma face de uma Educação Ambiental mais popular, mais contextualizada politicamente. Ela tem um desfecho que não se limita ao desenvolvimento sustentável. No Brasil, nós Educadores Ambientais, não gostamos deste termo *desenvolvimento sustentável*.

⁹Trata-se de uma abordagem que busca resolver, encerrar uma questão, problema ou situação de forma definitiva, através de soluções claras.

A palavra desenvolvimento implica, em si, uma equação muito injusta, uma economia muito perversa, e a política do atual governo é basicamente econômica, por isso que o Brasil é o campeão, hoje, nas mortes por covid-19¹⁰. Eu acredito que chegaremos em 500 mil mortos, até julho, depois decresce até a próxima pandemia.

Aqui em Mato Grosso, a sociedade civil se organizou e vamos fazer um fórum, e como início de conversa, a proposta é iniciar um movimento de maior fiscalização das vacinas e de monitoramento dessas políticas. Também de comunicação do que é a Covid na Educação Ambiental, dizendo assim: não é uma crise sanitária pontual, mas é uma crise ambiental climática processual, que vem a milhões de anos. Do humano degradando o meio ambiente. Então, eu venho estudando muito o que é a pandemia, afinal, é meu tema de pós-doutorado com o Celso Sánchez (Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO).

Tenho dominado bastante esses assuntos sobre vacinas, e sobre política, pois não tem como fazer ciência sem política. No Brasil, tem uma Educação Ambiental mais política, que eu gosto mais, que contextualiza, que consegue estabelecer pontes, que faz as coisas acontecerem.

Contudo, se você pegar os periódicos científicos e olhar os sumários, eu nunca publiquei isso, mas pelos títulos a maioria é: *o que aluno do primeiro grau pensa sobre o lixo, o que a escola tal fez como coleta seletiva do lixo*. Assim, talvez tenha que relativizar o que é essa Educação Brasileira, pois a vanguarda pensa de um jeito, mas os periódicos científicos estão mostrando uma outra realidade. Façam esse exercício, peguem uma revista expressiva de Educação Ambiental, verão que os artigos são muito temáticos, muitos artigos sobre *percepção dos alunos sobre a mata ciliar, ou sobre o cerrado, ou sobre lixo na escola*, é muita oficina de PET (Polietileno tereftalato, polímero termoplástico, usado geralmente [na] fabricação de embalagens como de refrigerante e água).

O Brasil também tem essa face *ingênuo, resolucionista*, a maioria enxerga apenas o lixo como o problema e tentam resolver esse problema. Então, a Educação Ambiental brasileira é esse colorido, não dá para definir o que é, estamos caminhando. Mas não se pode ser ingênuo em acreditar que há uma hegemonia de uma Educação Ambiental revolucionária, não há, isso é a minoria que faz barulho, que consegue fazer, mas ela tem, ainda que seja difícil, essa face mais política em relação a Portugal, por exemplo, que eu conheço bastante. Por isso, nesses países foi fácil incorporar o discurso do *desenvolvimento sustentável*, e os problemas ambientais não se resolveram em uma década. A década do desenvolvimento sustentável já acabou e continuam na mesma.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reuniu-se em Paris para discutir Educação para o Desenvolvimento Sustentável +20. Eu fui convidada, mas não fui, pois tinha uma aula de campo marcada no Pantanal, preferi cuidar da minha casa, que eu ganho mais. E lá eu seria a minoria da Organização das Nações Unidas (ONU) para fazer as críticas ao Desenvolvimento Sustentável. Essa história de década não deu certo também, vê que eles não falam mais.

O que pegou foi o *desenvolvimento do milênio*, e um monte de gente trabalha com isso. Então, você vê essas pessoas com discurso empresarial falando bastante sobre Educação Ambiental, não tem nada errado em ganhar dinheiro, mas o problema é: só isso basta? Não.

¹⁰ Comparando as mortes acumuladas em alguns dos países mais afetados pelo novo Coronavírus em dados coletados até 12/12/2021, por Johns Hopkins CSSE, Dasa, o Brasil aparece em segundo lugar de número absoluto de mortes por país, com 616. 970 mortos. Os Estados Unidos da América aparecem em primeiro lugar com 800.343 mortos (DASA, 2021).

Há outra ala de educadores que é meio cega, que ignora a política do mundo. E isso é Educação Ambiental? Então, já existem *coach*¹¹ da Educação Ambiental, o que em minha opinião é pior.

Dentro dessa história brasileira de uma Educação Ambiental supercolorida, o Lula certamente foi o Governo que trouxe as políticas públicas superfortalecidas, antes de seu governo não tinha órgão gestor da Educação Ambiental. Conseguimos construir a Constituição de 1989, com o Art. 225, mas fora isso, era pouca coisa.

Na época de Fernando Henrique, foi feita uma iniciativa bem interessante chamada SIBEA (Sistema Brasileiro de Informação em Educação Ambiental), que deveria ser o portal da Educação Ambiental no Brasil, mas foi um fiasco, tem gente que nem sabe o que é a SIBEA. O Governo Lula teve uma preocupação com a EA, e acho que devemos muito ao Marcos Sorrentino (ativista político e professor da Universidade de São Paulo, USP). Com a liderança e com a ideia criativa que ele traz, conseguiu propor e articular aqueles coletivos educadores que todo Estado tinha. No Ministério, tinha a figura para enraizar a Educação Ambiental, pois a equipe técnica que trabalhava na Diretoria de Educação Ambiental (DEA), podia chamar um consultor de confiança do governo Lula para ir aos Estados. Na época, eu contribuí muito com o Marcos, uma vez por semana estava em Brasília, fizemos várias publicações, fizemos o quinto Fórum da RIBEA (Rede Brasileira de Informação Ambiental). A gente, digo, a equipe do Marcos, trabalhava muito com a Marina Silva e com a Raquel Trajber, que à época estava à frente da Educação Ambiental no MEC. Trabalhávamos muito em parceria. O Fórum Brasileiro viveu sua melhor época, o reencontro, a reorganização das redes, as potências que surgiam das militâncias e das nossas construções epistemológicas.

O Brasil tem um divisor de águas que é a Rio 92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, ocorrida no Rio de Janeiro), a partir dessa data se inicia uma série de programas com a temática Ambiental, inclusive aqui na UFMT. Antes de eu chegar aqui, já existia, cheguei em 94, então antes, já tinha um fruto dessa Rio 92, e se vocês olharem na literatura, os doutores da Educação Ambiental chegaram depois dessa data, por isso, o pessoal brinca que sou uma *dinossaura* viva, pois fui uma das pioneiras.

Pergunta: quais foram as principais mudanças das políticas públicas de Educação Ambiental no Brasil a partir de 2019? Como o campo da Educação Ambiental reagiu aos retrocessos?

Michèle Sato: então... É fato que o governo Lula mudou a cara da Educação Ambiental. Durante seu governo este campo foi se estruturando em nível Federal, e tivemos oportunidade de fazer muitas publicações, que depois, durante o atual Governo Federal foram tiradas do *site*. Mas, antes de iniciar a gestão do atual governo eu já tinha salvo todas e coloquei no blog GPEA (Grupo pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte).

No dia 2 de janeiro de 2019, o Governo Federal cancelou o órgão gestor da Política de Educação Ambiental, quando vi a notícia escrevi para o Marco Barzano e para Fátima Marcomin, porque eles eram coordenadores da Educação Ambiental na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), e disse: olha, nós precisamos criar um grupo forte de universidades para monitorarmos os desmontes das políticas de Educação ambiental, a ideia é a gente estar junto para fazer mobilização social, manifesto, publicação e abaixo assinado. Nessa ocasião, eu criei um grupo no *WhatsApp* que estourou, foram quase 250 pessoas. Não cabia mais e escreviam para mim. No início tínhamos muito fôlego, criei um

¹¹Pessoa que orienta, aconselha e treina para atingir um objetivo pessoal ou profissional. Os *coaches* têm sido vistos de maneira estereotipada, onde há um discurso que promete mudanças radicais na vida, dinheiro, sucesso garantido, bastando mudar o seu *foco* ou *mentalidade* e certamente se conquistará tudo que deseja.

blog do Observare¹². Dá para ver todas nossas ações, todos os abaixo-assinados. O Philippe Layrargues foi fundamental porque ele tinha sido do Departamento de Educação Ambiental, (DEA) então compreendia muito bem esse macrocampo e o impacto dos desmontes. Estávamos fortalecidos com todas as nossas mobilizações e manifestações, com todos ajudando, mas na verdade não estava atingindo o objetivo de reverter os desmontes... Que repercussão que tivemos? Conseguimos que retornassem com a DEA? Não. Então, por isso, digo que ambientalista só perde.

Fizemos nota de repúdio, no dia 6 de junho, Dia do Meio Ambiente, é uma coisa gostosa, mas também vamos cansando, porque não vai dar fruto... Entrou depois até *meme* do abaixo assinado que não estava funcionando, mas ainda temos esse grupo de luta e resistência, nascido para enfrentar os desmontes do atual governo¹³. Acho que agora temos que nas próximas eleições tentar reverter o processo.

O Brasil é motivo de riso internacional. Só passamos vergonha. O mandato do atual presidente é um exemplo de política que não cuida da natureza. Até o setor econômico internacional está negando os produtos brasileiros porque não são ambientalmente corretos. Outro dia, estava vendo o Ministro da Economia dizendo que era preciso melhorar a questão ambiental no Brasil, eu disse: não é o ministro do Meio Ambiente que está falando isso, mudaram de pasta... Então, para economia, para quem vai conversar com o Banco Mundial, quem vai a Davos (cidade onde ocorre o Fórum Econômico Mundial), a questão ambiental pega. As pessoas não são idiotas, elas estão vendo o que está acontecendo. Então, nós só tivemos retrocessos no atual governo. Eu não consigo ver nenhum ganho representativo na questão ambiental, ao contrário. Se você extrapolar a questão ambiental para o campo da agroecologia, a produção de alimentos saudáveis e ecologicamente corretos também é só retrocesso.

Tem um autor chamado Rob Wallace, do livro “Pandemia e Agronegócio” (2020), ele denuncia que a liberação de patógenos foi favorecida com o agronegócio, impactando na gripe aviária e gripe espanhola.

A Organização Mundial de Saúde já sabia que viria uma pandemia, e o mundo hoje está ciente que outras pandemias virão. Todos estão cientes, mas não estamos preparados... então entre várias hipóteses e teorias que existem sobre as novas pandemias, a que mais me convence é a que ela vem do agronegócio que promove degradação ambiental. O Wallace fala que um risco possível é a gripe aviária juntar com a gripe suína e aí vai vir dois vírus de uma vez só. O Bruno Latour fala que a gente vai passar pela Covid, mas pela próxima, nós não vamos passar. Então, não são apenas os biólogos que dizem sobre o fim do mundo, mas os filósofos também coadunam dessa mesma posição, o futuro é muito incerto para nós. Então, é necessário darmos uma guinada no campo da Educação Ambiental, preparar para essas novas pandemias.

Uma teoria forte é o vírus do Nipah, ele fica mais no Vietnã, Tailândia, essa doença está entre umas das dez mais violentas do mundo, pois a sequela da doença é cognitiva, ataca o cérebro, acarretando muita deficiência cognitiva, enfim, são várias teorias.

Pergunta: quais as formas de luta para os próximos anos?

Michèle Sato: é a gente se preparar para as próximas pandemias e eloquentemente denunciar que não se trata de uma crise sanitária, e sim de uma crise ambiental, da destruição constante do ambiente, da natureza que em nome da economia liberta esses patógenos que estão nos

¹²OBSERVARE. Blog sobre sociologia e pesquisa social. Disponível em: <https://observare.slg.br/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

¹³ Referência ao governo Bolsonaro (2019-2022), presidente do Brasil à época da entrevista. Observar que há outras ocorrências semelhantes neste texto.

destruindo. É uma economia suicida, genocida, mas é mais que genocídio, é do mundo, morte do mundo, do planeta.

Não é só da raça humana, também acho ruim quando a pessoa só pensa no ser humano, mas a natureza é formada por componentes naturais, que existem e têm direito a plena existência, independente de servir ao ser humano ou não, por isso o vilão não é o vírus, nem morcego. O vilão é o bicho humano, é a gente que está causando isso.

É fundamental denunciar, então, precisa de uma Educação Ambiental profilática, e nesse sentido também é importante saber em quem votar. Como o líder do atual governo consegue essa legião de seguidores? Eu não sei. Não são os militares que conseguem, é o discurso do atual presidente que conseguiu aderência. Então, não pode tirar o poder dele, porque deixando ele invisível, você enfraquece o seu poder de luta. Ele tem o poder dele sim, claro que com muita ajuda dos militares.

Não há dúvidas que o Brasil vivencia uma guerra híbrida silenciosa, que tem como mote as disputas ambientais, muita gente não sabe que ela está em curso, é uma guerra operacionalizada em vários campos e que está arruinando o país. Não é uma Educação Ambiental muito bonita, é uma perspectiva bastante mortal na Educação Ambiental.

Eu vejo na arte a forma de suavizar a nossa dor e potencializar a nossa vontade de lutar. Tem que se trazer algum elemento de beleza, algum descanso da alma. Porque senão o corpo não aguenta essa luta, por isso que fotografia, cinema, aquarela são coisas muito bem-vindas. Não como elementos pontuais, mas como processo que vai desencadeando diálogos, que vai construindo uma Educação Ambiental que possa estar salvando vidas. Porque as próximas pandemias serão trágicas, bem dramáticas e avassaladoras. Eu tenho estudado muito isso, então meu ânimo, meu humor não têm sido muito bons. Eu sou uma pessoa que chora com a dor do mundo. Não tem jeito de me desvincular, parece que sou uma pessoa extremamente emocional. Então, eu sinto muito essas dores. Mas, eu não perdi a esperança.

A palavra final da Educação Ambiental é *esperançar*, tentar fazer um mundo diferente, melhor, mais bonito, mais inclusivo. Mas sem perder essa vontade de mudar o mundo. Acho que essa é a Educação Ambiental que precisamos fortalecer. Precisamos construir, divulgar, precisamos falar e sei que não é fácil. Que não vamos conseguir resolver problema nenhum. Mas precisamos começar a fazer. Precisamos combater esses discursos de ódio, de *Fake News* (notícias falsas), de negacionismo. Temos que defender a ciência. Temos desafios enormes nas nossas mãos. Não se trata mais de uma disputa conceitual, mas uma disputa de vida. Entre a vida e a morte da Educação Ambiental.

Figura 6 – Michèle Sato em aquarela – Ilustração: Bárbara Dias Ferreira.



Fonte: Ferreira (2023).

Agradecimentos

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (E-26/201.321/2022). Ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq), por meio do Programa Pesquisas Ecológicas de Longa Duração e Programa de Pós-Doutorado no Exterior (PDE). Ao Programa de Extensão Universitária da Pós-Graduação (PROEXT-PG) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental Comunicação e Arte (GPEA). Às pessoas que se debruçam para estudar as vidas, com elas se encantam e por elas lutam!

Referências

- ALKMIN, F. M. Colonialismo climático e financeirização do carbono: Reflexões sobre o REDD+ e a autonomia socioterritorial dos povos indígenas na Amazônia. *Ambientes: Revista de Geografia e Ecologia Política*, Francisco Beltrão, v. 5, n. 2, p. 50-79, 2023.
- BRETON, A. *Manifesto Surrealista*. [S.l.: s.n.], 1924. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2320. Acesso em: 7 nov. 2024.
- CIDADE INVISÍVEL. Criação: Carlos Saldanha. Produção: Beto Gauss, Francesco Civita. São Paulo: Netflix, 2021. (Série de TV, 1ª temporada, 7 episódios). Disponível em:

<https://www.netflix.com/br/title/80217517?source=35&fromWatch=true>. Acesso em: 8 dez. 2024.

COSTA, R. N. Olhos compostos: um conceito bioinspirado para o campo educacional. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2023, Caldas Novas. *Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2023. p. 1-13. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93579>. Acesso em: 9 nov. 2025.

COSTA, R. N.; SANCHEZ, C.; LOUREIRO, R.; SILVA, S. L. P. *Imaginamundos: Interfaces entre Educação Ambiental e Imagens*. Macaé: Nupem; UFRJ, 2021. Disponível em: <https://nupem.ufrj.br/imaginamundos/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

DASA. *Painel de dados sobre o coronavírus*. Dasa, 13 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/#lp-pom-block-195>. Acesso em: 6 nov. 2024.

FERREIRA, B. D. *Arte-Educação-Ambiental: manifestações sobre os Rios a partir da interação com duas escolas públicas do Rio de Janeiro*. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2023.

GOMES, G.; MARÇO, V.; SATO, M. (In)visibilidades sobre as vulnerabilidades de pessoas com deficiência visual a desastres e mudanças climáticas: um estudo de caso em Cuiabá, Brasil. *Revista Internacional de Ciência de Risco de Desastres*, Cuiabá, v. 13, p. 38-51, 2022.

GOVERNO DO PARÁ realiza consulta sobre REDD+ com comunidades quilombolas em Óbidos. *Agência Pará*, Belém, 3 jul. 2025. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/68515/governo-do-para-realiza-consulta-sobre-redd-com-comunidades-quilombolas-em-obidos>. Acesso em: 2 fev. 2025.

GPEA – Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte. *Blog GPEA UFMT*. Cuiabá: GPEA/UFMT, 2024. Disponível em: <https://gpeaufmt.blogspot.com/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

LUIZ, T. C.; SATO, M. Educomunicação e emergência climática: Quilombo Mata Cavalo ecoa tradição e resistência. *Esferas*, Brasília, v. 1, n. 24, p. 426-440, 2022.

MANFRINATE, R.; NORA, G.; AMORIM, D. A. R.; SOUZA, Claudia F. S.; KAWAHARA, L.S. I.; SATO, M. *As fazedoras de saberes: diálogos das mulheres quilombolas do Mutuca com educação ambiental, gênero e justiça climática*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. v. 1. 125 p.

NARDI, T. C.; SATO, M. O encontro do “Fórum fluxos migratórios” na Universidade Federal de Mato Grosso: uma reflexão humanística e solidária sobre as diversidades e necessidades dos imigrantes em Cuiabá-MT. *Revista Pedagogia*, Cuiabá, v. 8, p. 1-10, 2021.

OBSERVARE. Blog sobre sociologia e pesquisa social. Disponível em: <https://observare.slg.br/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

PALMA, S. *Cartografia do imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da Educação Ambiental*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2011.

RAMOS, K. M. V.; HAZEU, M. T. Mercado de carbono na Amazônia paraense: exploração e violações em comunidades tradicionais. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v. 148, n. 2, p. e-6628458, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/3T8FSYpys7sx77gjzTyf47q/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTOS, D. L. M. S.; AMORIM, P. M.; NORA, G.; SATO, M. Migração e injustiça climática: desafios políticos, éticos e educacionais. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, Teófilo Otoni, v. 5, p. 1-15, 2022.

SATO, M. *Capitalismo Verde e Ilusões Sustentáveis*. São Paulo: Outras Expressões, 2018.

SATO, M. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. (org.) *Educação Ambiental para o Semiárido*. João Pessoa: EdUFPB, 2011. p. 539-569.

SATO, M. *Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios*. São Paulo: Papirus, 2020.

SATO, M. Envolver em vez de se “des-envolver”. Entrevista concedida à IHU On-Line. *Instituto Humanitas Unisinos (IHU On-Line)*, São Leopoldo, n. 436, 2 dez. 2013. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5288-michele-sato>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SATO, M. *et al.* Justiça Ambiental e Epistemologias do Sul na Amazônia. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 45-60, 2021.

SATO, M.; SANCHEZ, C.; SANTOS, D. L. M. S. Epistemologia das ruas nas fotopoéticas da pandemia. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 27, p. 1-25, 2022.

SATO, M.; SANTOS, D. L. M. S.; SILVA, R. Educação e Territórios: A luta por uma Construção Decolonial no Quilombo de Mata Cavalo. *Atos de pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 16, e9100, 2021.

SOARES, C. C. A.; SILVA, R. A. da; SATO, M. A Arte/Educação no ambiente da escola quilombola de Mata Cavalo: cultura de diálogos e resistência. *Revista do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - Revisarte*, Porto Alegre, v. 8, p. 10-26, 2021.

TEMPESTADE: Planeta Em Fúria. Direção: Dean Devlin. Cidade: Burbank, Califórnia, EUA. Warner Bros., 2017. 109 min. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Tempestade---Planeta-em-F%C3%BAria/0O70XJT3X0DPYROAHPTE5ZJJQJ>. Acesso em: 12 jan. 2025.

WALLACE, R. *Pandemia e Agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*. São Paulo: Elefante, 2020.

WILLMS, E. E.; COSTA, R. N.; ALMEIDA, R.; SATO, M. *Sementes da arte-educação-ambiental*. São Paulo: Portal de Livros Abertos da USP, 2024. v. 1. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1358/1238/4777>.
Acesso em: 9 nov. 2025.